

## A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E O NILISMO DO SÉCULO XXI

Gabriel Bonesi Ferreira<sup>1</sup>

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

 <https://orcid.org/0000-0002-8081-0243>

E-mail: gabrielbonesiferreira@hotmail.com

### RESUMO:

Byung-Chul Han escreve sobre uma nova forma de niilismo que emerge principalmente a partir do século XXI na sociedade da informação. A partir disso, analiso como esse niilismo decorre da eliminação da verdade como critério orientativo individual e coletivo. Para Han, isso decorreria da emergência da informação como o novo critério de conhecimento, que se impõe como um dispositivo da sociedade atual por meio de sua grande produtividade rápida e quantitativa, voltada à aceleração, produção e exploração. Desse modo, as informações passam a assumir o lugar da verdade como narratividade, além de eliminar a diferença entre verdade e mentira, o que tem como principal consequência o abandono de modelos orientativos. Neste artigo, proponho apresentar as características do niilismo da sociedade da informação e classificá-lo, com base em referenciais teóricos de Deleuze sobre tema, como um niilismo ativo, posto que ao passo que nega os modelos de verdade conhecidos e existentes, tem uma postura e ação propositiva na produção de um novo modelo individual e social baseado no poder de afirmar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Niilismo; Verdade; Informações; Sociedade da informação.

## THE INFORMATION SOCIETY AND THE NIHILISM OF THE 21ST CENTURY

### ABSTRACT:

Byung-Chul Han writes about a new form of nihilism that has emerged mainly since the 21st century in the information society. From this, I analyze how this nihilism stems from the elimination of truth as an individual and collective guiding criterion. For Han, this would result from the emergence of information as the new criterion of knowledge, which imposes itself as a device of the current society through its great rapid and quantitative productivity, aimed at acceleration, production, and exploitation. In this way, information takes the place of truth as narrativity, and eliminates the difference between truth and lies, which has as its main consequence the abandonment of orientative models. In this article, I propose to present the characteristics of the nihilism of the information society and classify it, based on Deleuze's theoretical references on the subject, as an active nihilism, since while it denies the known and existing models of truth, it has a posture and propositional action in the production of a new individual and social model based on the power to affirm.

**KEYWORDS:** Nihilism; Truth; Information; Information society.

---

<sup>1</sup> Doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba – PR, Brasil.

Era da informação ou Era Digital são termos utilizados comumente a partir do final do século XX para designar um processo que se prolonga até a atualidade. A expansão da técnica e tecnologia a partir desse período passou a se dar de forma inédita na humanidade, muito em razão da grande capacidade de coleta, armazenamento, transmissão e processamento de dados. O armazenamento e utilização de dados é parte dos momentos mais cotidianos da vida, afinal armazenamos dados em todos os aparelhos digitais que possuímos e temos nossos dados armazenados por outros, sem que seja possível que hoje tenhamos qualquer tipo de controle.

Assim, o acúmulo de dados e o processamento por equipamentos de diferentes naturezas foram e são essenciais para o desenvolvimento tecnológico. Ao contrário de se adotar de antemão uma postura contra a técnica ou contra a tecnologia, é antes necessário compreender cada vez mais as implicações mais profundas de certas técnicas e tecnologias aos seres humanos. A informação é o elemento central dos tempos atuais e deve ser pensado de uma maneira muito ampla, de fato, como constitutiva de uma nova forma de vida. Desta forma, as informações passaram a definir a forma de capitalismo atual que se caracteriza pela imaterialidade tanto do dinheiro quanto das propriedades, das empresas, das flutuações do mercado financeiro e do mercado de ações em geral que operam segundo modelos especulativos etc.

Ainda não compreendemos bem os resultados dessas modificações econômicas sociais tanto pelo fato de serem recentes como por estarem curso, parecendo, inclusive, que estão se acelerando em conjunto das inovações tecnológicas e ferramentas digitais que estão surgindo. Tendo isso em vista, é possível reconhecer que profundas alterações sociais e econômicas costumemente são acompanhadas do surgimento de novas ferramentas tecnológicas. Desse modo, novas formas de vida<sup>2</sup> e diferentes modos de se ocupar da vida vão surgindo, alimentando e sendo alimentado por novas concepções, o que exige, de certo modo, uma negação do que começa a se mostrar inadequado em prol algo vindouro. A negação, por sua vez, pode ser encarada sob diversas perspectivas dentre as quais se insere o niilismo em suas diversas configurações. E, se por um lado, o niilismo pode ser tomado como uma corrente filosófica, por outro pode ser reconhecido como uma postura.

Sobre o niilismo, Deleuze (1976, p. 123) afirma que “na palavra niilismo *nihil* não significa o não-ser e, sim, inicialmente, um valor de nada”. Essa é uma das acepções de niilismo tratada por Deleuze, mas em larga medida, parece fazer parte das outras e, provavelmente, de todas as concepções de niilismo. Pois, o niilismo parece sempre denunciar um valor, como postura frente, por exemplo frente a vida, aos valores e à realidade, importa em uma negação radical, denunciando o nada ou o vazio dos elementos com os quais opera.

É nesse contexto da sociedade atual que o filósofo Byung-Chul Han irá apontar um surgimento de um novo niilismo que surge, ou ao menos se aprofunda, a partir do século XXI. Porém, antes de tratar especificamente desse tema, irei retomar algumas análises de Deleuze sobre o niilismo, em especial, dos modos pelos quais o niilismo pode ser pensado, empregando posteriormente, essas categorias ao niilismo que Han enuncia.

Deleuze (1976), ao analisar a obra de Nietzsche, escreve que o niilismo pode ser pensado de quatro formas: niilismo negativo, niilismo reativo, niilismo passivo e niilismo ativo. O niilismo

---

<sup>2</sup> “Forma de vida” é um conceito que utilizarei de modo recorrente no texto para destacar o caráter produtivo da nova forma de niilismo que trato no texto. Por “forma de vida” busco resgatar o conceito de Agamben (2015), considerando os elementos constitutivos da vida para além do simples viver, isto é, a forma de vida como “modo de viver”, incluindo o que está em jogo no viver, as relações intersubjetivas, as relações da vida política e as relações com si-mesmo. Tendo isso em vista, considero que a produção de uma nova forma de vida implica também na produção de novas práticas dos seres humanos em relação a si-mesmo e aos outros. Ressalto, por fim, que não pretendo ser reducionista, afirmando que o novo niilismo produz integralmente uma nova forma de vida na sociedade Pós-moderna, mas que, por estar ligado a uma espécie de crise da verdade, colabora com esse processo.

negativo direciona essencialmente o valor de nada à vida, incluindo um elemento de ficção como de planos suprassensíveis, de valores superiores como para além da vida. Tal ficção serve para negar a vida e, assim, ao se afirmar os valores superiores nega-se o mundo e a vida, há, portanto, uma vontade de aniquilar que se baseia na ficção de considerar o que há na vida e no mundo como mera aparência em oposição à essência presente na ficção (mundo suprassensível, ideia, valores superiores, etc). Em resumo, essa forma de niilismo significa: o “valor de nada assumido pela vida, ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, vontade de nada que se exprime nesses valores superiores” (DELEUZE, 1976, p. 123).

A segunda forma de niilismo é a reativa, isso porque pressupõe e decorre do primeiro. Se o niilismo negativo negou a vida, a realidade supondo-as aparência em detrimento dos valores superiores, o niilismo negativo representa o nada dos valores, ou seja, recusa os valores superiores. Entretanto, essa forma de niilismo além de negar os valores guarda consigo a ideia da vida depreciada, ou seja, trata-se de uma negação da essência, mantendo a ideia da vida como aparência. Desse modo, se por um lado existe o anseio de criarem novos valores, por outro o campo de trabalho é o mesmo: a vida depreciada. Como resultado tem-se uma mera substituição de valores superiores sem uma reconfiguração da vida, ou seja, não há a superação do paradigma anterior que dava à vida o valor de nada. Como escreve Deleuze (1976, p. 124) “se está sozinho com a vida, mas essa vida ainda é a vida depreciada, que procede agora em um mundo sem valores, desprovida de sentido e de objetivo, rolando sempre para mais longe, em direção a seu próprio nada”. Portanto, trata-se de um processo de mera mudança de valores em um movimento que mata Deus, recuperando suas propriedades, por isso é um movimento que também conserva, que reapropria, ao invés de transvalorar que significaria ultrapassar, superar.

Já o niilismo passivo, por sua vez, é resultado do niilismo reativo. O niilismo reativo tentou criar novos valores a partir da vida “nua e crua”. Porém, esses valores se mostram tão insustentáveis quanto os primeiros, uma vez que ocorreu apenas uma substituição, uma mudança ou renovação que por si só não permite uma reconfiguração da vida, por isso, a perspectiva niilista permanece. Por seu turno, o niilismo passivo tem como principais signos a melancolia, a descrença e a desesperança. Trata-se de uma postura de reconhecimento da impossibilidade plena do ser humano.

Por fim, o niilismo ativo é a quarta forma de niilismo, marcado por uma transmutação ou transvaloração. Essa forma de niilismo é determinada principalmente pela negação da negação, trata-se do que Deleuze chama de uma mudança de qualidade na vontade de poder, isto é, “os valores, e seu valor, não derivam mais do negativo, e sim da afirmação como tal [...] O elemento dos valores muda de lugar e de natureza, o valor dos valores muda de princípio, toda a avaliação muda de caráter” (DELEUZE, 1976, p. 146). Tal afirmação do niilismo ativo carrega consigo a negação dos valores conhecidos, de tal modo que não aparece como depreciação da vida, mas como uma espécie de poder de afirmar, uma afirmação que nega as forças reativas e torna todas as forças ativas em uma “conversão do negativo em afirmação” (DELEUZE, 1976, p. 147). Porém, a negação e a afirmação permanecem subsistindo, não de modo dialético, visto que “a negação e a afirmação se opõem como duas qualidades” e “cada uma é um contrário, mas é também o todo que exclui o contrário” (DELEUZE, 1976, p. 147).

Com isso, Deleuze destaca que a afirmação e negação não podem ser vistas como faces da mesma moeda, visto que se opõem, trata-se de dissipar a negação, que por sempre ter dominado o pensamento e a vida “até este dia” promoveu a depreciação da vida. Ao contrário a afirmação se manifesta “acima do homem, fora do homem, no sobre-humano que ela produz, no desconhecido que traz consigo. Mas o sobre-humano, o desconhecido também é o todo que rechaça o negativo” (DELEUZE, 1976, p. 147). Entretanto, não se trata da exclusão total da negação na

vida, visto que a afirmação proposta por este niilismo é sempre antecedida e sucedida de uma por duas formas de negação: primeiro, antecedida de uma negação de todos os valores conhecidos; segundo, sucedida de uma negação que quer destruir o ser humano, quer perecer e ser superado. Com isso, a partir desse movimento espera-se que tais negações se transformem em poder de afirmar, tendo em vista que o caráter negativo deixa de ser uma qualidade primeira e um poder autônomo (DELEUZE, 1976, p. 149). Desse modo, a negação é colocada a serviço da afirmação: trata-se do sim que “é afirmação pura, [que] venceu o niilismo e destituiu a negação de todo o poder autônomo, mas isto porque colocou o negativo a serviço dos poderes de afirmar. Afirmar é criar, não carregar, não suportar, não assumir” (DELEUZE, 1976, p. 155). Portanto, o “sim” enfático significa busca de uma outra relação com a vida, que importa na negação da negação, na destruição ativa dos valores em prol de um gesto radical de afirmação da vida.

A partir desses referenciais teóricos, apresentarei uma leitura do que significa o niilismo do século XXI enunciado por Byung-Chul Han que tem como característica principal a afirmação radical, ao mesmo tempo em que nega todos os valores em prol de um novo modelo de forma de vida.

O novo tipo de niilismo, tal como enunciado por Han (2021; 2022), decorreria do desenvolvimento tecnológico e da constituição de uma nova forma de vida amplamente influenciada pelo grande fluxo de informações. O que estabeleceria, para Han, uma crise da verdade em razão da grande quantidade de informações produzidas e consumidas na sociedade atual, que é ao mesmo tempo causa e consequência de uma *sociedade da informação*. Para tanto, Han relaciona o niilismo à negação da verdade, tomando a “verdade” sob duas perspectivas: como verdade factual e verdade como narratividade. Em linhas gerais, a verdade factual é a verdade mais básica dos fatos, do que ocorre ou ocorreu, de situações que sejam auto evidentes; já a verdade como narratividade pressupõe um relato, uma sequência interpretativa capaz fornecer sentido, orientação e finalidade.

Segundo Han, a destruição da verdade e da coesão social está, dentre outros fatores, relacionada ao excesso de informações que são produzidas e consumidas na sociedade atual e que tem como principal consequência a desintegração dos discursos e da possibilidade de existência de uma narrativa inerente à existência da verdade. Tendo isso em conta, é possível, inclusive, identificar na obra de Han que as informações são mais um dos dispositivos ou ferramentas de uma dissipação da coesão social em prol do que o autor chama de positividade. Essa positividade, por sua vez, seria o que impele e constrange a todos a se engajarem em processos de produção cada vez mais frenéticos. De tal modo, a crise da verdade é um resultado do processo de aceleração da vida incondizente com a permanência da verdade. Nesse contexto, Han identifica uma nova forma de niilismo que se dá pela eliminação da diferença entre verdade e mentira. Bem como, que se fundamenta em um processo produtivo e ativo ao passo que nega as estruturas e valores precedentes.

Para identificar o niilismo enunciado por Han, é necessário que consideremos alguns aspectos. Inicialmente, é possível reconhecer que, apesar das diferenças que se pode destacar entre os autores niilistas, é possível identificar que o “nada” é central nessas concepções, - ou melhor, os pensadores niilistas geralmente ressaltam a existência de um nada em concepções, em preconceções ou estruturas de pensamento para apontar justamente o vazio delas ou, nos termos anteriores, conferindo-lhes valor de nada. Ao lado disso, destaca-se a urgência de uma nova concepção ou estrutura que seja capaz de sustentar ou superar os critérios anteriores, ou mesmo, se limitando apenas a demonstrar os limites das estruturas que se critica. Retomando obras de Nietzsche, Han destaca que a nova forma de niilismo não pretende demonstrar que “uma mentira

foi feita verdade” ou como “a verdade foi difamada como mentira” (HAN, 2022, p. 54), mas de anular a diferença entre verdade e mentira.

Assim, a anulação da diferença entre verdade e mentira, no seu nível mais básico, é o ponto central do que Han chama de novo niilismo. Isso porque, por meio de uma indiferença frente a verdade factual, isto é, da recusa dos fatos, se aniquila a facticidade. Ou seja, isso é mais do que mentir, trata-se de excluir toda a objetividade dos fatos em prol de uma arbitrariedade subjetiva (HAN, 2022, p. 55). De tal forma que a aniquilação da facticidade significa mais do que mentir, pois a mentira paradoxalmente afirma a existência de verdade na medida em que a diferença entre ambas se mantém intacta. Ou seja, ao se ocultar um fato ou mentir sobre ele, o máximo que se faz é ocultar ou transvestir a verdade, o que configura um problema de acesso à verdade, mantendo intacta a diferença entre a verdade e a mentira.

Para Han, as informações e seu processo de criação, produção, criação, armazenamento e utilização são centrais no processo de aniquilação entre verdade e mentira. Nesse contexto, a *fake news* é o principal exemplo utilizado por Han, uma vez que “atacam a própria facticidade, “desfactizam a realidade”, “criam uma nova realidade”, mas de modo que lhes falta “continuidade e coerências narrativas” (HAN, 2022). Podemos descrever várias características da *fake news* que impedem uma continuidade narrativa, por exemplo, a de se apresentarem como fragmentos de informações que questionam a realidade fática, não necessariamente criando uma nova realidade completa, mas apresentando informações distorcendo fatos que colocam em dúvida a facticidade. Esse processo comumente é acompanhado de técnicas e informações que objetivam o estímulo de afetos de modo a intensificar a potência da informação falsa. É, inclusive por isso, que muitas vezes a *fake news* é acompanhada ou estimula *shitstorms*, isto é, ondas de indignação digital em favor ou desfavor de um fato ou de uma pessoa. Com efeito, a intenção da *fake news* não é rigorosamente substituir a realidade, mas a aniquilar a diferença entre verdade e mentira, é uma tentativa de transformar a objetividade dos fatos em opinião. Por isso, o processo com o qual se operam as *fakes news* também depende de velocidade e substituição, pois a criação de notícias e informações falsas convive com o processo de sua verificação e falseamento; de modo que deve haver uma produção tal capaz de manter suspensa a ideia de facticidade em um estado de coisas que se está sempre a aguardar a confirmação ou não de uma determinada informação.

Mas, não são só as notícias ou informações falsas que colaboram para esse processo. A produção massiva de informação e dados é em si uma maneira de eliminar a verdade, porque a informação, em um processo de produção excessiva, fornece uma falsa sensação de conhecimento. A sensação de conhecimento está alicerçada no dispositivo da transparência, o qual reforça a ideia de que o excesso de informação permite conhecer tudo, que não há limites do que pode ser visto ou compreendido, pois tudo pode ser, e está virtualmente publicado. As ferramentas de busca, que tem o *Google* como a mais notória, a quem tudo pode ser perguntado e a alcance imediato a todo tempo pode ser apontado como um exemplo de facilidade de acesso a informações e na sua presença cotidiana.

Nesse sentido, a massiva produção de informações, dados e imagens, como escreve Han (2022, p. 59) abolem “a solidez do factual em geral, sim, a *solidez do ser*, ao totalizar a *produtibilidade*”. Nesse caso, a “produtibilidade” deve ser compreendida como a grande capacidade de produção, seja em qualidade ou quantidade de informações, ou mesmo quanto à capacidade de reversão, desfazimento, alteração, etc., das informações produzidas. Inclusive, a produtibilidade massiva somente é possível pelos meios digitais, pois somente por eles é possível grandes produções de informações quando comparados a outros meios, como os físicos e analógicos. Assim, são os meios digitais que permitem a oposição à facticidade, uma vez que permitem a mudança, a maleabilidade do digital, não se constituindo como um mundo sólido. Ou,

nos termos de Han (2022, p. 59) “a digitalização enfraquece a consciência do factual, a consciência da realidade” (HAN, 2022, p. 59).

O exemplo que Han utiliza, neste contexto, expressa-se em relação à fotografia digital que, em suma, é capaz de produzir uma realidade que não existe. Mais do que a fotografia digital, se mostra possível reconhecer como diversas tecnologias são capazes de criar um outro olhar, uma outra visão e porque não um outro mundo. As chamadas “realidades aumentadas”, por exemplo, são um dos principais exemplos de como a tecnologia é capaz de mesclar e de sobrepor camadas de novas realidades. Han utiliza exemplos uma sobreposição de realidade digital e fática que em tecnologias como *Google Glass*. Mas, para além deles, os *smartphones*, por exemplo, também podem ser consideradas próteses tecnológicas atuais que criam realidades sobrepostas ou “aumentadas”, pois através deles o olhar é modificado por meio de suas câmeras; som ambiente é substituído por fones de ouvido interligados a eles; a experiência do “olhar ao redor” é substituída pelo olhar unidirecional à tela do aparelho; a memória é substituída por anotações e bancos de fotos. Portanto, é possível concluir que a nossa percepção de realidade, da percepção fática de mundo ou de um estar no mundo já está mediada pela sobreposição de diversas camadas de estímulos proporcionadas pelos meios tecnológicos que já alteraram a materialidade de nossa experiência de mundo. Tudo isso, já é uma “realidade aumentada”. No jogo *Second Life*, talvez o primeiro de maior sucesso do gênero de simulação digital da vida, os jogadores se referiam a duas vidas: a “vida real” (*RL*, sigla em inglês para *real life*), isto é, a *primeira vida*, em contraponto à vida digital no jogo, ou seja, a *segunda vida*. Parece, porém, que cada vez mais as fronteiras entre “vida real”, primeira, segunda ou terceira vida, estão mais borradas em vista da incorporação dos meios tecnológicos a nível mais cotidiano e elementar de se experimentar o mundo.

É necessário reconhecer, também, que os meios digitais e a produção de informações estão ligados, colaborando conjuntamente com a redução da experiência da facticidade. Pois, a excessividade de informação e sua ampla veiculação somente são possíveis por meio de ferramentas digitais, tendo em vista a impossibilidade em armazenar ou veicular a mesma quantidade de informações e dados quando comparados os outros meios (físicos e analógicos). A partir dessas técnicas e meios, segundo Han (2022, p. 59), a produtibilidade torna-se capaz de gerar a ambivalência fundamental e estrutural da informação na medida em que reforça a experiência da contingência ao experiencarmos “uma informação poderia ser *outra*”. Posto que mesmo as informações produzidas, convertidas e transmitidas como dados digitais sobre um fato ou evento são incapazes de representar a experiência plena da facticidade. Bastando considerar que diversas variáveis – como diferentes fontes (ou observadores), metodologias, objetivos, etc. – irão gerar informações ou resultados distintos. Do que resulta uma experiência de que qualquer informação produzida pode ou não representar a realidade.

Isso é possível porque as informações são aditivas e cumulativas, isto é, elas se sobrepõem, somam-se, garantido coexistências e hiperprodução delas. O que pode ser observado pelo fato de que as informações produzidas no passado não são simplesmente apagadas, são tão utilizadas em conjunto com informações novas, sem que esse processo seja intrinsecamente contraditório ou excludente. Essa cumulatividade pode gerar, inclusive, fenômenos patológicos, tal como descrito por Han (2016, p. 74) e chamado de *Information Fatigue Syndrome* (IFS), que consiste em uma doença psíquica causada pelo excesso de informação, cujos um dos principais sintomas é a paralisia da capacidade analítica que é, ainda segundo Han (2016), a destreza de discernir ou selecionar no material da percepção o que é essencial ou não. Ou seja, trata-se de uma patologia relacionada à orientação que somente ocorre na imersão em um meio que desorienta. Desorientação que decorre da cumulatividade de ambivalência e contingência próprias das informações quando levadas ao limite.

A partir disso, é possível reconhecer o aparecimento da nova forma de niilismo, mais diretamente relacionada à crise da verdade factual. A partir dos argumentos apresentados, é possível concluir que a excessividade de informações acaba por obscurecer a percepção ou experiência da facticidade que tem a ambivalência e contingência da informação como causa. Inclusive, reconhecendo que meios digitais e tecnológicos aprofundam a nossa experiência factual, posto que as informações fornecem uma experiência de contingência que se sobrepõe ou supera uma experiência factual, o que pode ser condensado na conclusão de que “quanto mais cresce a difusão de informações, mais o nosso mundo se torna spectral e impenetrável. A partir de certo ponto, a informação deixa de informar e passa a deformar” (HAN, 2016, p. 75).

Em um segundo aspecto, o niilismo do século XXI, na interpretação de Han busca também abolir a verdade como narratividade. Não há um conceito explícito nas obras do Han sobre o que significa narratividade, mas a partir de sua crítica é possível reconhecer seus elementos. Han identifica que os projetos de verdade possuem um caráter teleológico, além de critérios gerais orientativos que permitem a afirmação da verdade. Isso não significa afirmar um critério único de verdade ou o seu caráter absoluto, mas identificar que dentre todos os projetos de verdade existe uma construção orientativa que permite justamente afirmar a verdade. O que significa também dizer que afirmar a verdade é sempre afirmar um projeto de verdade. A partir disso, é possível reconhecer que existem diversos critérios e projetos de verdade que irão afirmar a sua existência dentro do espectro da existência de uma verdade absoluta até a sua inexistência, ou melhor, a sua existência como um fato social e cultural. Desse modo, a narratividade da verdade está mais ligada à existência de um projeto de verdade do que propriamente à defesa da existência de um projeto único, o que não pode ser compreendido com qualquer espécie de ambivalência factual, apesar da existência de critérios ambivalentes de julgamento da verdade e da mentira. Afinal, “a verdade é, ao fim e ao cabo, uma promessa, como no provérbio bíblico: ‘sou o caminho, a verdade e a vida’” (HAN, 2022, p. 60).

A narratividade da verdade permite a existência de um caráter discursivo, visto que os diferentes projetos de verdade permitem uma espécie de jogo em relação ao que se afirma no interior dentro de cada um de seus sistemas, quanto na relação entre sistemas de verdade. Ou como Han afirma, a partir da filosofia habermasiana, a existência da verdade significa a existência de um plano de jogo no qual as afirmações devem resistir a contra-argumentos, respeitadas a regras dos participantes do discurso (HAN, 2022, p. 60). Veja, que mesmo nos casos em que se nega a existência da verdade absoluta, ou melhor, que a verdade é mera construção cultural e discursiva, existe a afirmação da existência da verdade como tal.

Por outro lado, o surgimento de um novo niilismo, segundo Han, significa a abolição da diferença entre verdade e mentira, o que pressupõe a eliminação das regras do jogo, isto é, eliminar a necessidade de uma afirmação ter que resistir como verdade. Esse novo paradigma se baseia na contingência e ambivalência não exatamente o que significa a verdade, mas da coexistência de afirmações sem a necessidade de qualquer critério de verdade, por isso, podem ser consideradas mera que informações. Assim, não se trata de uma postura de crítica à verdade ou a algum critério de verdade, mas de uma atitude de indiferença em relação à força orientativa da verdade, enquanto dotada de narratividade.

Assim, para Han (2022, p. 61), o fim das grandes narrativas se consuma na sociedade da informação, um fenômeno da Pós-modernidade. Com isso, é como se a sociedade navegasse sem direção, em oposição a tudo ocorreu até então na história. É certo que houveram crises da verdade, mas em conjunto a elas, surgiam outras formas narrativas de verdade, ou melhor, as crises da verdade eram acompanhadas de críticas à forma narrativa de verdade do presente em favor de uma outra forma narrativa de verdade. Por outro lado, a sociedade da informação denunciada

por Han se alimenta da fragmentação, é a multiplicidade que a mantém e permite o a aceleração exponencial voltada à produção. Mais grave é se imergir nesse processo sem que se dê conta no vazio da ideia de progresso e liberdade sem que haja uma finalidade em si.

O fim das narrativas é, portanto, correlato à sociedade da informação, colaborando com o processo de fragmentação e sublimação narrativa. É um processo visto como algo novo por Han, tendo em vista que, até agora, houve um constante processo de legitimação e de verdade na sociedade. De forma que, apesar do fato de modelos sociais, éticos, etc, que no fundo são modelos calcados na verdade, passarem por crises, eles são paulatinamente substituídos por novos modelos que passam a ocupar a narrativa passada, alicerçando novas formas de vida. Portanto, há processos sucessivos de narrativas que acompanham processos históricos e que promovem uma orientação social, ética, metafísica, científica, etc. das formas de vida. Assim, não se trata de uma crítica à substituição de modelos de verdade, mas que na sociedade Pós-moderna os modelos de verdade narrativa perdem força em favor da substituição por modelos nos quais a narratividade da verdade é ignorada. Isto é, na Pós-modernidade, ao contrário, o modelo narrativo de verdade é substituído pelo modelo que não faz distinção entre verdade e mentira, por um modelo sem narrativa e orientação, baseado nas informações.

As informações não são dotadas de narratividade, pois são incapazes de criar critérios de “hierarquias e distinções”, “ordenações e orientações”. É por isso que Han (2017a, p. 52) compara a transparência a uma luz *opaca*, cujo efeito é a “homogeneização” e o “nivelamento”, e tendo em vista que as informações são fenômenos da transparência, elas irão operar desse modo. Até mesmo porque, como Han observa, a verdade possui narratividade, o que significa que por um lado que ela não é estanque e por outro que ela possui uma direção, possui parâmetros e critérios que permitem afirmá-la como verdade. Ou seja, se há um discurso que trata da verdade, haverá critérios e caminhos que permitem a sua existência e, conseqüentemente, a possibilidade em afirmar quando não há verdade, ainda que o seu oposto seja considerado como oposição ou ausência de verdade. Há, portanto, o que Han chama de “efeito polarizador”. As informações, por seu turno, são consideradas “luzes opacas”, pois não são dotadas de narratividade, não possuem uma contra-figura, não permitem a existência de efeito polarizador. Conseqüentemente, não revelam uma verdade, mas meros simulacros com vida própria que, como tais, são *vazios* e “somente o *vazio* é totalmente transparente” (HAN, 2017a, p. 53).

Assim, as informações, como fenômenos da transparência, por um lado são tidos como fenômenos capazes de exorcizar o vazio – isto é, como elementos capazes tudo revelar – por outro, nada revelam pela ausência de narratividade. Com isso, são produzidas informações em massa, pois ainda se sente o vazio, ainda que elas sejam incapazes clarificar o mundo (HAN, 2017a, p. 53). Portanto, paradoxalmente quanto mais informações, maior a sensação do vazio, de ausência de verdade.

Um outro exemplo ou fenômeno que decorre da substituição da narratividade pela informação é o denominado *Quantified Self*, que promete o autoconhecimento baseado em dados, em números que se produz sobre si mesmo. Tal prática defende a possibilidade de “conhecer a si mesmo pelos números”, isto é, por dados. Esses dados são obtidos por meio de diferentes equipamentos tecnológicos e sensores corporais. São equipamentos com graus de sofisticação tecnológica diversa, a maioria amplamente acessível, geralmente denominados *smarts*, como relógios, pulseiras, roupas e outros acessórios que realizam monitoramentos do funcionamento fisiológico que incluem como ciclos de sono, respiratórios, de exercícios ou de repouso, etc. Mas, a questão é o que esses dados realmente “conhecem”? Existe a promessa de conhecimento de si mesmo, de autoconhecimento. Por um lado, o autoconhecimento é uma ânsia da humanidade revelado que se expressa na sua própria busca por diferentes vias de acesso, o que inclusive, sempre

foi encarado como uma necessidade e considerada uma tarefa árdua e provavelmente constante. Por outro lado, não é difícil ver como o *Quantified Self* é reducionista quanto ao que significa o “si mesmo”, sobre o que significa o *self*, na medida que nada mais faz do que medir processos fisiológicos com a promessa de revelar a verdade sobre si mesmo. Por serem incapazes de revelar o que prometem, isto é, o *self*, o *Quantified Self* cada vez mais provoca a necessidade de produção de mais dados e informações, cuja a quantidade nunca será capaz de preencher o vazio fundamental que provoca o ímpeto da pergunta sobre si-mesmo. Apesar dessas tais informações sobre si, o *Quantified Self* revela dados fisiológicos relevantes que permite o monitoramento corporal voltado à otimização e desempenho. Assim, nada mais são do que dados voltados à (auto)exploração e otimização em uma sociedade que exige cada vez mais alienação ao trabalho e produção, o que revela que “estamos entregues a processos quase automáticos e nos otimizamos sem realmente saber para quê” (HAN, 2021, p. 49). Com isso, a produção de informações e dados sobre si, ao contrário de revelar, obscurece e leva à alienação, posto que o “si-mesmo” também é narrativo, também se constitui a partir de um processo de encadeamento de verdades, ao passo que a técnica de explicar o eu por informações “decompõe o eu em dados até o esvaziar de sentido” (HAN, 2015, p. 69).

Desta forma, a exploração de si é alimentada pela crise da verdade, portanto, se inscreve dentro de uma ótica de produção, o que permite reconhecer que a crise da verdade ultrapassa o campo individual. Nesse caso, para Han (2022, p. 60) “a crise da verdade é sempre uma crise da sociedade”, tendo em vista que ausência de verdade, a ausência de narrativa elimina concepções finalísticas, orientativas da sociedade, que são próprias da narratividade, em prol da submissão das relações humanas à comercialização total. Assim, tal crise se mostra um mecanismo voltado à ampla exploração, à submissão de todos os seres humanos e da própria sociedade à lógica econômica e produtiva. Na sociedade da informação, as informações e dados são novos dispositivos de controle, mas se apresentam como soluções aos problemas individuais e sociais, a partir da promessa de que o conhecimento sobre seus problemas e as soluções a eles decorressem do conhecimento de dados e de uma análise considerada objetiva. Essa mudança de paradigma acaba por ser acompanhada do esvaziamento da política em um mundo no qual os políticos se tornam “técnicos”, “especialistas” ou “administradores”.

No centro da promessa e expansão de dados estão os conceitos de datificação e dataísmo. Nesse sentido, as autoras Santaella e Kaufman (2021) diferem ambos os conceitos com base na obra de Mayer-Schonberger e Cukier (2013) que apresenta o conceito de datificação que significa transformar um fenômeno em geral em um formato quantificável que pode ser tabulado e analisado. Portanto, significa transformar qualquer fenômeno em dados, justamente para que possam ser “tratados”, isto é, que possam ser analisados, comparados, servirem de parâmetro, etc. Por outro lado, para Harari (2015) o dataísmo é a crença de que todo o Universo e, conseqüentemente, qualquer fenômeno natural, artificial, social, etc, faz parte de um fluxo de dados cujo valor é definido a partir de sua aplicabilidade no fluxo de informações. Assim, a datificação é o fenômeno e o dataísmo é crença na capacidade desse fenômeno revelar qualquer processo social, econômico, psicossocial, etc, inclusive, Harari (2015) o chama de “religião dos dados”.

Em relação ao dataísmo, em um texto comentado por Han (2016, p. 90), Anderson (2008) enuncia enfaticamente o fim da Teoria e a possibilidade de avanço científico “sem modelos coerentes, teorias unificadas ou realmente qualquer explicação mecanicista”, que ocorreria pela substituição da “causalidade pela correlação” que pode ser obtida a partir dos dados. De modo que “a questão do *porquê* torna-se inútil perante a evidência do *é assim*” (HAN, 2016, p. 90). Han chama a teoria de uma “uma construção, um meio auxiliar, que compensa a falta de dados”

(HAN, 2016, p. 91). Inclusive, é possível afirmar que a teoria é mais do que um meio auxiliar, visto que é forma de verdade narrativa na medida que constrói logicamente um pensamento sistematizado com uma finalidade de fornecer uma resposta a uma questão relevante. Ademais, a teoria tem um caráter orientativo visto que propõem uma explicação a um determinado fim. Portanto, o fim da Teoria é também o fim da narratividade.

Ainda que o dataísmo seja um movimento extremo de confiança nos dados, ele parece ser um reflexo de uma prática já existente na sociedade quando se ajuíza que os dados são a forma mais própria e objetiva de conhecimento. Isso porque os dados são muitas vezes igualados a fatos, sem considerar que são acumulados, quantificados e utilizados sob diferentes perspectivas, ou seja, não são mais fatos, possuem uma crueza de natureza diferente da facticidade. De modo que de um lado, tal crueza sirva apenas para responder às questões sobre desempenho e eficiência, mas por outro surja como uma promessa de conhecimento total ou que aspira o saber total (HAN, 2022, p. 16 e 49).

Por isso, ao assumir a pretensão de conhecimento total, o dataísmo também assume traços totalitários, pois enuncia uma explicação total de mundo que suprime qualquer tipo de contingência, que não dê margem à dúvida, à diferença. Não há mais o embate de argumentos e contra-argumentos, de teorias que devem se provar, mas a absolutização de uma forma de conhecimento acima de qualquer questionamento. A pretensão de conhecimento total se fundamenta na quantidade de dados coletados e armazenados e *big datas*, que além disso são quantificados e avaliados por algoritmos. A “verdade” dos dados, segundo Han, diferencia-se das grandes narrativas e até mesmo dos modelos totalitários ideológicos, no aspecto de que os dados não narram, mas buscam “calcular tudo que é e será” (HAN, 2022, p. 15). Há, portanto, uma pretensão de identidade entre os dados e da realidade, até que os dados sejam a própria realidade. Entretanto, por suas características, são incapazes de fornecer o que prometem, senão orientar calculadamente à produção e exploração.

Desse modo, as características e os dispositivos da sociedade atual que dão sustentação à sociedade da informação, quais sejam: os dados, os *big datas*, algoritmos, produção excessiva de informação, crença nos dados como solução para os problemas sociais; apontam para uma nova forma de niilismo. Han afirma pontualmente que esse novo modelo de sociedade de informação é uma forma de niilismo, tendo em vista a eliminação da diferença entre verdade e mentira e, com isso, elimina-se a possibilidade de uma orientação finalística.

A partir dessas pistas deixadas por Han e do referencial teórico escolhido, a minha proposta consiste em caracterizar essa nova forma de niilismo como um niilismo ativo. Contudo, para isso, é importante assinalar o que esse niilismo não é: não se trata de um niilismo negativo porque não há uma proposta de um outro mundo, ao contrário, as camadas de dados e a sobreposição de “mundos” acontece por aí, não há um outro mundo almejado ou esperado, trata-se da transformação do mundo presente. Também não se trata de um niilismo passivo, pois não há marcas de desesperança, de renúncia à vida e aos valores, isto é, a eles não é dado o valor de nada. Ao contrário, há uma postura propositiva de novo modelo de forma de vida, de conhecimento e de sociedade, que tem a informação entre seus alicerces.

Com isso, impõe-se a questão: o niilismo da sociedade da informação seria um niilismo reativo? Uma das principais marcas do niilismo reativo é a recusa dos valores superiores, sobre o solo da depreciação da vida. Tal característica pode parecer, em um primeiro momento, estar presente no niilismo enunciado por Han, pois existe uma postura de recusa aos valores superiores, de uma recusa da narratividade em prol da transparência obtida numericamente pelos dados e informações. Do mesmo modo que esse novo niilismo parece querer superar os modelos anteriores que tinham elementos como verdade, mentira, essência, sentido no centro de suas formulações.

Contudo, para ser caracterizado como reativo, exige-se que o niilismo guarde preserve a depreciação da vida, que tenha a vida “nua e crua” como seu princípio motor. Essa característica, porém, parece não estar presente no niilismo da sociedade da informação, porque há uma ideia propositiva em relação a esta vida, não se quer apenas a vida nua crua ou a sobreposição de valores, mas a criação de uma nova vida. Na sociedade da informação propõe-se uma realidade expandida, a vida nua e crua não serve, a facticidade é, por exemplo, insuficiente. Assim, o novo niilismo não se esgota na reatividade, ao contrário, é uma forma produtiva de formas de vida.

Portanto, o niilismo apresentado por Han possui uma forma ativa, na medida que essencialmente se mostra como um movimento não só de negação dos valores fundamentais, mas da proposição de uma nova forma de vida. Vimos que o niilismo da sociedade da informação instaura a crise da verdade sob dois aspectos: da eliminação diferença entre verdade e mentira por meio da fragilização da verdade factual; e da eliminação da verdade enquanto narratividade. Ambos os processos são capitaneados pelas informações às quais ganham realidade própria, sobrepondo-se à factualidade, bem como, por operarem sob a ótica transparência, prometem um olhar divino e o conhecimento ilimitado. Portanto, as informações não operam sob a mesma lógica da verdade, porque a verdade é factual e narrativa, já as informações são quantitativas. Dessa forma, a verdade é substituída como critério, dando lugar à transparência. De forma que, como as informações por não serem narrativas, não desencadeiam um processo orientativo próprio da verdade.

Para que se possa classificar o niilismo apresentado por Han como um niilismo ativo, é necessário que ele negue duplamente as estruturas de valores estabelecidas, isto é, dar o valor de nada aos valores. Tal requisito pode ser considerado cumprido porque na sociedade da informação nega-se a verdade enquanto narratividade, nega-se também a diferença entre verdade e mentira, com isso, negam-se todos os valores prévios, na medida que se baseiam em uma estrutura de verdade. Esse é o primeiro requisito porque transvalorar, superar, significa previamente destruir o que previamente os valores conhecidos, sem que se carreguem os valores prévios.

Porém, não basta dar valor de nada aos valores, pois no limite se decairia no niilismo passivo ao reconhecer a impossibilidade de novos valores, da insuficiência da vida nua e crua na tarefa de superar o que havia antes. Ou seja, para que o niilismo seja ativo é necessário que ele negue a negação para se tornar poder de afirmar. Sobre isso, um primeiro aspecto acerca da sociedade da informação já foi ressaltado, de que há uma postura propositiva, não se quer a vida depreciada, mas superar os valores e a vida. Primeiro, em relação aos valores conhecidos, o que propõe são novos valores sob novos paradigmas, isto é, um que não se baseie na narratividade própria da verdade que vinha fundamentando o arcabouço de valores conhecidos. Portanto, propõe-se no limite um novo paradigma da verdade que se baseia na transparência. Sob o segundo aspecto, em relação à vida, este novo niilismo não parte da vida depreciada, da vida nua e crua, o que se quer é superar esta vida, expandindo-a. Essa característica se materializa, por exemplo, na utilização de dispositivos tecnológicos que propõe o “aumento” da realidade, dentre outras próteses tecnológicas que modificam esta vida, acréscimo e sobrepondo realidade digital à nossa vida. Veja que isso é mais do que criar uma realidade “virtual” ou “digital” separada da “real”, o que está em jogo é a eliminação de fronteiras, os meios tecnológicos e digitais passam a integrar esta vida, ela é aumentada, expandida, nunca negada, é a superação do antigo “real” da antiga vida “nua e crua”, em favor de uma nova vida. Nesse sentido, é possível reconhecer que essa estrutura não é voltada para a negação, mas para a afirmação radical em favor de um novo paradigma de valores e de uma nova forma de vida.

Por fim, ressalvo que não pretendo afirmar que o niilismo da sociedade da informação é propriamente a síntese do “niilismo ativo” nietzschiano, tendo em vista os limites desse novo

paradigma que certamente é incapaz de criar “super-homem” nietzschiano. Inclusive, o próprio Han reconhece que o sujeito formado na sociedade da informação é o *animal laborans*, é o último homem, aquele que só trabalha, que explora a si mesmo sem qualquer coação externa (HAN, 2017b, p. 28). Assim, não há nesse caso um além-do-homem, mas um sujeito que se crê senhor de si e que, enebriado pelas forças produtivas e dispositivos de transparência, não se percebe na realidade alienado. Consequentemente, é possível afirmar que esse sujeito é, na realidade, a contra-figura do super-homem na medida em que permanece absorto a outras formas de subjugação de caráter afirmativo.

Mas isso não quer dizer que o niilismo da sociedade da informação não tenha características mais ligadas ao niilismo ativo do que às demais formas, apesar de que o seu resultado seja oposto ao que se espera. Pois, ao por em marcha novas forças produtivas-afirmativas que promete ao sujeito um “tornar-se ele próprio” ou um “pertencer somente a si mesmo” (HAN, 2017b, p. 95), e que pressupõe a negação prévia dos valores conhecidos, acaba-se engendrando novas formas de alienação que se fundamentam no poder de afirmar e não de negar.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Meios sem fim : notas sobre a política*. Tradução Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2015
- ANDERSON, Chris. The End of Theory: The Data Deluge Makes the Scientific Method Obsolete. *Wired Magazine*, edição de 23 de junho de 2008. Acesso em de novembro de 2022. Disponível em <https://www.wired.com/2008/06/pb-theory/>.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas*. Tradução Gabriel Salvi Philipson. – 1. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. *Infocracia : digitalização e a crise da democracia*. Tradução de Gabriel S. Philipson. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2022.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica – Neoliberalismo e novas técnicas de poder: um ensaio filosófico sobre a arte da demora*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus. Uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MAYER-SCHONBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth.. *Big data: a revolution that will transform how we live, work, and think*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.
- SANTAELLA, Lucia e KAUFMAN, Dora. Os dados estão nos engolindo? *Civitas - Revista de Ciências Sociais* [online]. 2021, v. 21, n. 2, pp. 214-223. Acesso em 2 de outubro 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39640>.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Gabriel Bonesi Ferreira. [gabrielbonesiferreira@hotmail.com](mailto:gabrielbonesiferreira@hotmail.com)